

O submisso domínio da mulher

Profa. Ms. Aline de Jesus Sena¹

Resumo:

Neste trabalho, apresentamos o texto “Cadela”, do livro O fim de tudo, de 1973, de Luiz Vilela. A linguagem utilizada pelo autor, ainda que considerada fluida e simples, permite ao enunciário um diálogo conciso e pertinente com diversos outros textos. O texto religioso, por exemplo, predomina por toda a narrativa. Buscamos no conto “Cadela” uma leitura que não se limite, apenas, ao texto em si, mas, a partir deste, a quebra de fronteiras temporais e locais, percebendo no enredo que envolve as personagens a presença de hipotextos religiosos que remetem as protagonistas da narrativa a locais e tempos distintos de sua produção. O enredo do conto analisado possui nuances que permite à personagem feminina, uma forma peculiar de domínio. Ainda que em uma, aparentemente, condição de submissão absoluta o domínio que ela tem no texto põe em questão o poder que o homem exerce sobre a personagem feminina.

Palavras-chave: Literatura; Mulher; Submissão; Domínio.

No ano de 1973, o ficcionista Luiz Vilela publica o livro, *O fim de tudo*. Essa coletânea é composta por 25 contos que tratam das mais variadas temáticas. Em nosso recorte, optamos pelo conto “Cadela”, décima sexta narrativa da referida publicação.

O fim de tudo, assim como os demais escritos de Vilela, é bastante aclamado pela crítica, suas obras, como sua técnica, proporciona ao escritor os seguintes comentários:

Luís Vilela alcançou a fortuna de projetar-se com primeiro livro. E manteve, nos demais livros de contos, o mesmo alcance literário, como em *No Bar* (Rio, Bloch, 1968), *Tarde da Noite* (S. Paulo, Vertente, 1970), *O Fim de Tudo* (B. Horizonte, Liberdade, 1973) [...].O autor cria um sentimento generalizado de frustração entre a generosidade dos projetos e as limitações (quando não as perfídias) do mundo real. (LUCAS, 1983, p. 146).

O juízo favorável não se limita às suas obras, o autor é definido como um: “contista é seguro na arte do essencial. Por isso, dá a impressão de ser um contista nato, extremamente talentoso para o gênero” (LUCAS, 1983, p. 146).

¹ Professora Mestre da Universidade Anhanguera – Uniderp. E-mail: letrasaline@yahoo.com.br

O conto “Cadela” apresenta uma diversidade de elementos que acompanham o autor no decorrer de sua escrita; dentre eles, podemos destacar a marcante presença da religiosidade, o diálogo simples e claro, sempre forte em suas obras, e a ficcionalização de uma mulher multifacetada.

O enredo desenvolvido para o conto difere-se da maioria das narrativas de Vilela; o enredo não trata de uma relação conjugal explícita, mas um envolvimento afetivo não esclarecido que não apresenta rótulos.

O narrado inicia o conto pela marcação das personagens. O posicionamento, físico, das protagonistas da narrativa se assemelha a uma marcação teatral, característica comum ao autor: o homem segue na frente e, a mulher, logo atrás, os dois sobem a encosta de um morro, ela tenta explicar algo que ele se recusa a aceitar:

□ Eu juro — disse a mulher.
— Jura... — disse o homem.
— Que adianta falar? — disse a mulher. — Você não quer me compreender.
— Compreender... — disse o homem no mesmo tom. (VILELA, 1973, p. 187).

No fragmento de diálogo, supracitado, o que se apreende é a imagem de um homem descontente. Neste primeiro momento, não se percebe falas, realmente, formuladas pela personagem masculina, que, em sinal de desagrado, se limita a reproduzir o que ouve as palavras da personagem feminina. No trecho acima, não fica evidenciado qual é o problema existente entre as personagens, mas, fica aparente a atribuição de algum tipo de mal entendido entre o casal que, depois, tomará o formato de um erro cometido pela mulher:

— Eu estou te pedindo perdão... — disse a mulher com voz suave.
[...]
— Todos nós erramos... (VILELA, 1973, p. 189).

Ao chegarem ao topo do morro, o narrador descreve, fisicamente, apresentando aspectos rústicos na figura masculina: “[...] sua própria corpulência o haviam cansado e ele arfava pesado — o bigode grosso, a barba lhe cobrindo quase toda a cara. Sua camisa, nas costas, estava molhada de suor” (VILELA, 1973, p. 187). A mulher não é descrita no conto a não ser quando o narrador faz menção à suas partes íntimas: “Ele

pegou seus seios, grandes e de tetas largas [...] as pernas abertas, o sexo erguido para o céu, latejante e úmido” (VILELA, 1973, p. 189-190).

Depois de dadas as características da mulher, a personagem feminina é colocada na condição de objeto para o prazer sexual do homem: “Ele esfregava sua nuca, as mãos esfregavam seus seios e seu sexo” (VILELA, 1973, p.191). Sobre esse aspecto do conto, Margareth Oliveira afirma: “a mulher representa o objeto sexual masculino, que será olhado, desejado, e violentado pelo homem que lhe acompanha” (OLIVEIRA, 2008 p. 93).

Em momento algum, a narrativa deixa clara a relação existente entre o homem e a mulher; sabe-se, apenas, que a proximidade dos dois apresenta um caráter sexual e à mulher é atribuída a violação de um acordo que vigorava entre eles.

Após a subida da encosta, os dois retomam o diálogo. É a voz da mulher que aparece primeiro; aparentemente, para ela, é necessário que ele compreenda algo que aconteceu, mas o homem se limita a responsabilizá-la por quaisquer erros ocorridos.

Durante a narrativa, percebe-se que ela se desculpa por algo enquanto ele a acusa, mas nenhum dos dois deixa claro qual o erro cometido; sabe-se apenas que, para o homem, a falha cometida pela mulher é considerada grave e ele não parece disposto a esquecer:

— Você destruiu tudo — disse ele; — tudo o que havia de bom, tudo o que havia de verdadeiro entre nós; você destruiu tudo isso.

A mulher olhava em silêncio.

— Eu confiava em você — ele continuou; — eu te respeitava; eu te amava: você era como uma princesa para mim.

— Eu estou te pedindo perdão... — disse a mulher com voz suave.

— Perdão... É fácil pedir perdão, né? (VILELA, 1973, p. 188-189).

A acusação à mulher é a de ter destruído algo, na visão de Adão, personagem masculina, estável. Ao homem cabe o papel acusatório: para ele, ela é a única responsável por acabar com a felicidade que gozava antes.

Conforme seguem as acusações contra a mulher, Adão é tomado por grande cólera, que se agrava com a tranquilidade percebida pelas respostas proferidas pela personagem feminina; a mulher não nega sua culpa, tampouco a assume por inteiro. Percebendo que Adão não irá aceitar seu pedido de perdão ou cessar com as acusações, limita-se em afirmar: “— Todos nós erramos...” (VILELA, 1973, p. 189). Desse modo,

com essa afirmação, a mulher nivela os dois. Em sua fala há a admissão de um erro, contudo, isso não significa que ele está imune a equívocos.

Colocado no mesmo nível que a personagem feminina, Adão é acometido por grande raiva e se dirige a mulher, pela primeira vez no conto, com agressividade: “— Cadela” (VILELA, 1973, p. 189). Esse epíteto será utilizado para identificá-la três vezes, no decorrer de todo o conto, com uma única variação, no momento em que Adão a chama de “puta”. Percebendo a raiva na face do homem, a mulher instintivamente se afasta, enquanto ele encaminha em sua direção:

A mulher foi se afastando, ele veio vindo.
— É isso que você é, uma cadela. (VILELA, 1973, p. 189).

A ira apresentada por Adão não se deve, somente, ao fato de a mulher estar envolta de certa tranquilidade, mas ao domínio que ela parece exercer sobre ele, domínio que o incomoda pois, mesmo tomado pela cólera, Adão não consegue evitar o desejo que sente pela mulher. Para equilibrar sua vulnerabilidade diante da personagem feminina, Adão se utiliza da força física e a subjuga física e sexualmente:

Ela se encostou a uma árvore de tronco grosso. Ele agarrou sua blusa e rançou um botão. Rançou os outros. Rançou o soutien. A mulher só o olhava, inerte e apavorada. Ele pegou seus seios, grandes e de tetas largas. Ela sentiu os dedos dele, fortes e ágeis. Fechou os olhos. (VILELA, 1973, p. 189).

Depois de acuá-la, ele evidencia que exerce o poder sobre ela. O homem é o mais forte e, para a mulher, é quem decide o que ela deve fazer, cabendo-a a obediência, assim, temos um diálogo entre o contista mineiro e o texto bíblico que afirma que: “Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao Senhor; Porque o marido é a cabeça da mulher, [...]. De sorte que, assim como a igreja está sujeita a Cristo, assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos” (Ef. 5, 22-24).

Devido aos ensinamentos que se seguiram por diversos séculos, algumas mulheres, costumam permanecer em uma posição inferior a do homem, seja ele seu marido ou não, em outras palavras:

A mulher determina-se e diferencia-se em relação ao homem e não este em

relação a ela; a fêmea é o inessencial perante o essencial. O homem é o Sujeito, o Absoluto; ela é o Outro. (BEAUVOIR, 1986, p. 14).

Retomando o conto, podemos perceber que, mesmo diante do ato agressivo da personagem masculina a mulher sente-se mais segura, pois se vê desejada. Ela deixa de sentir medo e se entrega as carícias do homem:

Ela não pôde mais e abraçou-se a ele com sofreguidão.
— Me Larga! — ele empurrou-a.
Ela ficou olhando, ofegante, os lábios trêmulos. (VILELA, 1973, p. 189-190).

A personagem masculina, ainda que tomado pela cólera, não se desvencilha do domínio que a mulher exerce sobre ele durante toda a narrativa: ele a subjuga fisicamente, mas não consegue ocultar o desejo que ela lhe desperta. Uma das formas de puni-la é impondo-lhe suas vontades. Na busca pelo controle absoluto da mulher, Adão chega a privá-la da voz em alguns momentos do conto, roubando-lhe os turnos de fala.

O conto “Cadela” possui diversas falas reticentes, não significando que todas se tratem de interrupções grosseiras das personagens, contudo, em alguns momentos do diálogo, Adão, perceptivelmente, interrompe a personagem feminina para impor sua vontade sobre o desejo dela, como na seguinte passagem:

— Adão...
— Chega! — ele gritou. — Não quero mais ouvir. (VILELA, 1973, p. 189).

Dos cinquenta e seis parágrafos que compõem essa narrativa, trinta e quatro são destinados ao diálogo entre o casal e, destes, quinze falas podem ser consideradas reticentes. As reticências se referem ou às pausas propositais das personagens ou às interrupções dos interlocutores. Essas interrupções podem ser de tipos variados, para mudar de assunto, contradizer, impor sua voz sobre a do falante etc.

Das sete interrupções existentes no conto, seis delas são feitas pela personagem masculina. À mulher, pode ser atribuída apenas uma interrupção, no quarto parágrafo da narrativa:

— Jura... — disse o homem.
— Que adianta falar? — disse a mulher. — Você não quer me compreender.

(VILELA, 1973, p. 187).

A mulher não protagoniza mais nenhuma roubada de turno, sua fala será muito bem marcada pelos espaços que serão dados pelas falas de Adão que, em alguns momentos, utiliza-se de pausas reticentes, entre uma fala e outra, sem que nesse tempo, haja qualquer tipo de manifestação verbal da mulher. Eventualmente, nas pausas, o narrador demarca a cena. Como exemplo, temos a continuação do diálogo anterior, em que o homem repete a observação da personagem feminina e se cala:

— Compreender... — disse o homem no mesmo tom.
Tinham chegado ao ponto mais alto do morro, onde havia algumas árvores; o capim, por causa das chuvas, estava verde e crescido. (VILELA, 1973, p. 187).

Além das pausas propositais, teremos interrupções efetivas, tomadas da fala, feitas pela personagem masculina. No primeiro momento, essa ação irá expressar apoio ao desejo da mulher:

— Adão...
— Geme, cadela, geme! (VILELA, 1973, p. 189).

O fato de a interrupção de Adão se dar em forma de apoio à reação da mulher, sob seu toque, caracteriza uma forma sutil de interrupção. Em uma análise conversacional, tal ação pode ser entendida da seguinte forma: “O apoio aparente pode funcionar como uma forma sutil de interrupção, enquanto uma mudança aparente de tópico pode funcionar como uma forma indireta de apoio [...]” (TENNEN, 2010, p. 69). Ao perceber a reciprocidade de seu desejo, o homem busca impor sua vontade sobre o desejo da personagem feminina; nesse momento, ele, também, a interrompe, mas com o objetivo de mudar o assunto para direcionar a situação para o seu benefício:

— Eu quero... — murmurou para o ar, a garganta rouca, os olhos nublados.
[...]
— Vira de costas! — ele ordenou. (VILELA, 1973, p. 190).

A continuação do diálogo adquire um tom mais agressivo, pois, diante da surpresa do surgimento de um tom imperativo, naquela situação, a mulher se assusta,

novamente, com o comportamento do homem e tenta contrariar sua ordem através de argumentos que são furiosamente censurados:

— Você não pode, eu nunca fiz...
— Cala a boca, sua puta. (VILELA, 1973, p.191).

As falas acima demonstram que Adão não está concordando ou apoiando a observação da mulher, mas evidencia a falta de interesse pela mensagem que a personagem feminina tenta transmitir. Assim, nesse momento, e nos demais que se assemelham a este, o homem busca o domínio, pelo menos momentâneo, da situação em que o casal se encontra. Mesmo assumindo o controle através da força, o domínio do enredo pertence a personagem feminina, fato que incomoda ao homem e o incita a agir com agressividade.

Adão libera uma torrente de sentimentos em direção à mulher. Sua postura não se limita apenas à desilusão que afirma sentir ou na cólera evidenciada por fragmentos do conto. Sua raiva deriva de uma linha paradoxal em que se vê tomado de amor e ódio pela mesma mulher. O homem quer dominá-la, mas se encontra retido no poder sexual que ela tem sobre ele. Toda a agressividade do homem tenta camuflar sua busca desesperada por saciar sua necessidade de tomar aquela mulher para si.

Para Luciana Borges, em seu artigo “Agora vá: erotismo, violência e relações de gênero no conto *Cadela*, de Luiz Vilela”, de 2009, a mistura entre o desejo sexual de Adão e a violência com que trata a mulher se justifica pelo fato de que: “[o] ambiente erótico se desvia da idéia de continuidade ou completude, própria do erotismo, e tematiza as dominantes de aniquilação, devoração e submissão, próprias da violência” (BORGES, 2009, p. 131).

Aparentemente, a mulher só tem real consciência das intenções do homem quando já se vê inebriada pelo desejo. Percebendo-a, sexualmente, vulnerável, Adão passa a demonstrar seu poder: “Ele pôs o pé sobre a barriga dela; ela o agarrou, agarrou sua perna, quis agarrar seu sexo — ele deu-lhe um empurrão. Ela tornou a se erguer e a querer agarrá-lo — ele deu-lhe um tapa. Ela ficou petrificada olhando-o” (VILELA, 1973, p. 190). Pela reação da mulher, tapa não era algo que fazia parte de sua rotina sexual.

A voz do homem, que já não era gentil, adquire um tom imperativo: “—Vire de costas! — ele ordenou” (VILELA, 1973, p. 190). Naquele momento, não só a voz de Adão tinha se tornado algo assustador, como também ele se vale da força física para impor suas vontades:

— Vai virar? — e ele ergueu a mão para bater.
Ela protegeu o rosto.
— Vai? — a mão dele ameaçava. (VILELA, 1973, p. 190).

A sodomização da mulher assegura à personagem masculina um duplo prazer: ele se encontra em condição de macho dominante, subjugando a fêmea, e consegue inverter todo o poder sexual exercido por ela sobre ele. A ela, é imposta sua vontade: “Ela então foi virando, lágrimas aparecendo nos olhos” (VILELA, 1973, p. 190). A vontade dela que se realiza é — a princípio — aviltante para a mulher:

— Você não pode, eu nunca fiz...
— Cala a boca, sua puta.
Sentiu-o então sobre ela, o corpo dele estava esmagando-a contra o capim, os braços e as pernas envolvendo-a, ele agredindo-a, machucando-a.
—Você não pode... está machucando... (VILELA, 1973, p. 190).

Para Borges:

No caso da narrativa, a violência surge na assimetria da relação entre masculino e feminino, na qual o uso da força física e do poder simbólico do macho sobre a fêmea orienta as estratégias narrativas e compõe o cenário dos fatos narrados. Assim, violência física, a exposição do corpo nu da mulher, a animalização e a sodomização pautam a submissão do corpo da mulher por meio de uma relação sexual levada a termo como mecanismo de vingança por uma suposta traição. A personagem feminina é punida com uma relação sexual aviltante, uma vez que, em nosso ambiente cultural, a sodomia, não raras vezes, foi interpretada como uma prática contra natura. (BORGES, 2009, p. 131).

Mesmo diante da violência sofrida, a mulher, chamada de cadela, se rende aos desejos daquele homem e aos seus próprios desejos: “E de repente ela parou de chorar; [...] estava tudo dentro dela [...] fazendo-a torcer-se e rir e gemer e suspirar, e pedir e gritar, desatinada, alucinada, gritando gemendo gritando” (VILELA, 1973, p. 190).

Como última punição, Adão a expulsa, jogando-lhe suas roupas e ordenando que vá embora. Na narrativa, Adão se posiciona como o deus da gênese bíblica, que julga e sentencia a mulher, expulsando-a do paraíso após uma falha.

O nome da personagem masculina, Adão, e o enredo, a mulher que comete uma falha imperdoável para o homem, nos remete, pois, ao livro do Gênesis da Bíblia. Tal livro atribui a uma mulher a responsabilidade pela destruição do Paraíso, devido a um ato de desobediência. Assim como na narrativa de Luiz Vilela, no Gênesis, a mulher é punida por Deus com a expulsão do paraíso, a dor e a mais absoluta submissão ao homem: “E à mulher disse: Multiplicarei grandemente a tua dor, e a tua concepção; com dor terás filhos; e o teu desejo será para o teu marido, e ele te dominará” (Gn. 3, 16.).

O conto “Cadela” é finalizado com a busca da mulher pela redenção diante de Adão, após ser expulsa: “A mulher começou a andar, a descer a encosta. Ia lentamente. Então parou; virou-se e veio andando de volta. Parou em frente ao homem: abaixou-se, ajoelhou e beijou-lhe os pés” (VILELA, 1973, p. 192). A atitude da personagem feminina nos lembra mais uma personagem bíblica que, considerada pecadora pela história, procurou se redimir se colocando de joelhos para lavar e beijar os pés de Jesus:

Eis que uma mulher da cidade, uma pecadora, sabendo que ele [Jesus] estava à mesa em casa do fariseu, levou um vaso de alabastro com unguento; e, estando por detrás, aos seus pés, chorando, começou a regar-lhe os pés com lágrimas, e enxugava-lhos com os cabelos da sua cabeça; e beijava-lhe os pés, e ungia-lhos com o unguento. (Lc. 7, 37).

Mais do que a busca pelo perdão masculino, a personagem feminina demonstra uma humanidade ausente em Adão. À mulher, é dado o poder de perdoar a falta cometida pelo homem que a violentou, e tal fato ressalta a ausência de nobreza do homem. O ato de perdoar faz com que a mulher ascenda através de seu ato de submissão. Sua postura a coloca em um patamar mais elevado, pois denota superioridade e controle; em contrapartida, ao violentar a personagem feminina, Adão evidenciou desequilíbrio e desespero pela busca do domínio de uma situação que não está sob seu controle.

Em suma, percebe-se, no início da narrativa, que a mulher exerce algum tipo de poder sobre o homem. Ela lhe causa um grande desconforto com a falta cometida, pois,

segundo o próprio homem admite, ele a amava, estava emocionalmente apegado a ela. Em contrapartida, a mulher apresenta um desapego inicial com relação a convivência de ambos, utiliza-se de seu livre arbítrio sem se incomodar com a possibilidade de desagradar a Adão; como consequência de seus atos, aceita ser submetida aos desmandos masculinos por acreditar que, ao ser subjugada, terá direito à redenção e ao perdão do homem que ela deseja. Perdoá-lo por tê-la agredido demonstrar o poder da mulher em perdoar as falhas alheias, mesmo quando atingida diretamente. Enquanto na personagem masculina identificamos, a ausência do sentimento de perdão.

Referências:

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo: Mitos e fatos**. Trad. Sérgio Milliet. São Paulo: Círculo do Livro, 1986.

BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Trad. João Ferreira de Almeida. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 1969.

BORGES, Luciana. Agora vá: erotismo, violência e relações de gênero no conto Cadela, de Luiz Vilela. In: **Anais do Simpósio vozes plurais: estudos e pesquisas em sexualidade, gênero e intersecções**. Goiânia, 2009, p. 129-132.

LUCAS, Fábio. O conto no Brasil Moderno. In: _____; NUNES, Benedito; SANTIAGO, Silviano *et al.* **O livro do seminário: ensaios**. São Paulo: L.R. Editores Ltda., 1983. p. 103-164.

OLIVEIRA, Margareth L. O erotismo em “Cadela” de Luiz Vilela. In: **Revista eletrônica do Instituto de Humanidades**, Rio de Janeiro. v. 7, n. 26, p.129-132, 2008. Disponível em: <<http://publicacoes.unigranrio.edu.br/index.php/reihm/article/view/38/75>>. Acesso: 12 de out. de 2010 às 18:15.

TENNEN, Deborah. Quem está interrompendo? Questões de dominação e controle. In: _____; LAKOFF, R.; WEST, C. **Linguagem, Gênero, Sexualidade**. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 67-92.

VILELA, Luiz. Cadela. In: _____. **O fim de tudo**. Belo Horizonte: Liberdade, 1973. p. 185-192.